

TORO, José María. **As duas faces inseparáveis da educação: coração e razão.** São Paulo; Paulinas, 2007. 447 p.

AO PROFESSOR UMA LEITURA DA EDUCAÇÃO DO CORAZÃO

(Carta-resenha)

Márcia Evelin de Carvalho

Minicurrículo

Mestre em Letras – UFPI. Licenciada em Geografia- UFPI e Letras-Português- UESPI. Professora de Língua Portuguesa UESPI – Campus Heróis do Jenipapo. Membro do Grupo de Pesquisa/CNPq “Memória, Ensino e Patrimônio Cultural”. Contadora de histórias, pelo “Grupo Cafundó de Contadores de Histórias” e ministrante de oficinas da arte de contar histórias e dinamizar a leitura na sala de aula e na biblioteca.

É sempre bom compartilhar experiências de leitura. Ainda mais quando essa leitura nos toca o coração. Sinta-se convidado(a) a adotar urgentemente a Pedagogia do Coração, uma pedagogia que se propõe a recuperar o componente emocional na prática pedagógica (coração) compartilhado com a razão.

Nesta resenha, falo do livro *As duas faces inseparáveis da educação: coração e razão* [...], do professor espanhol José María Toro, publicado pela Editora Paulinas. Durante a leitura desse livro senti, em muitos momentos, certa identificação entre o trabalho que realizo como educadora e a experiência de cinco anos, com crianças de Penãflor, uma cidadezinha da Espanha, vivida e relatada no livro pelo autor, numa linguagem muito bela.

Trata-se de algo simples, mas fenomenal. Uma experiência criativa, vibrante e emotiva, onde não há receitas e soluções mágicas, mas a certeza de que a principal fonte de inspiração pedagógica se encontra dentro de nós mesmos e ao nosso redor (TORO, 2009). Uma proposta de aproximação à criança a partir do amor e da energia. Como diz o próprio autor, não há dúvida de que:

[...] nas escolas há muito mais cabeça que coração, muito mais mente que corpo, muito mais ciência que arte, muito mais trabalho que vida, muito mais exercício que experiência...muito mais peso e aborrecimento que alegria e entusiasmo (TORO, 2009, p. 24).

Form@re. Revista do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica. Universidade Federal do Piauí, Teresina, v. 2, n. 2, p.119-121, jul. / dez. 2014.

A escola deve cuidar não apenas do que fazemos, mas de como fazemos, de como vivemos, de como emocionamos o outro. O bom professor deve prestar atenção aos pequenos detalhes do dia-a-dia e transformá-los em grandes acontecimentos, pois cada fato ou ocorrência do cotidiano carrega dentro de si uma mensagem, um sentido, um significado. Porém, na correria do dia-a-dia acabamos entrando na ditadura do livro-didático, que impede a abertura para acolher o imprevisto, o não programado.

O professor coração deve ter uma relação amorosa com as coisas, um encontro pessoal de intimidade com seu aluno, além de utilizar a razão. Uma possibilidade que precisa ser favorecida, impulsionada, criada, como a “Roda da Amizade”, sugerida pelo autor, cuja mascote era o personagem Pinóquio, tão querido pelas crianças.

O professor coração deve estar presente no verdadeiro sentido da palavra. Apresentar sua essência, viver no presente, ser uma presença que atua, que expressa e se expressa, seja através do corpo, onde apresentamos o que somos e como somos, seja nos “exercícios-experiências”, na observação dos “pontos stop”, na alfabetização corporal ou até mesmo na ausência, como saudade da presença do outro.

O professor coração deve praticar uma educação emocional. As emoções foram e continuam sendo parte essencial do currículo oculto. O professor coração não deve deixar que a emoção estacione à porta do colégio e nele entre apenas a razão. A emoção deve ser um dos pilares centrais de sua presença e atuação. Para isso Toro (2009, p. 252) sugere uma “carta de navegação pelo agitado ou sereno mar das emoções”.

A empatia também deve ser praticada pelo professor coração, como sendo o escutar atentamente e sentir internamente o outro. O professor coração deve usar a lentificação, a fim de tornar o ritmo de sua aula mais lento, um ritmo sustentado, relaxado, mas intenso.

A paciência, como energia e como ciência da paz é outra aliada necessária e útil para exercer a função educadora do professor coração. Assim como o trabalho e

a diversão, a celebração e o descanso, numa integração harmoniosa de jogo-trabalho.

Por fim, a existência dos conflitos deve ser encarada como “parte inerente da convivência entre pessoas” e pode ser administrada dentro de uma pedagogia que dá importância aos limites. Num mundo egoísta e individualista em que vivemos quase não se vê mais essa prática.

Precisamos urgentemente do reencantamento do mundo como forma de salvarmos a essência de nossa profissão-missão. José María Toro, no relato de sua experiência, mostra que isso ainda é possível de acontecer.

Se você foi tocado pelas palavras aqui escritas, se em alguns momentos desse relato você encontrou semelhanças com o que você faz ou se você sentiu vontade de fazer algo assim, você já é um professor coração. Basta deixar que seu coração fale junto com a razão e liberte toda a energia que potencializará sua nova prática no surgimento de um novo professor.